

Crise de identidade ideológica da classe média



Por **FERNANDO NOGUEIRA DA COSTA***

A educação em massa não democratizou o capitalismo, apenas trocou o macacão pelo app: a nova classe média, escravizada pelo crédito e iludida pelo empreendedorismo de plataforma, é a face 'moderna' de uma exploração que migrou da fábrica para o algoritmo

1.

A massificação do Ensino superior propiciou a formação de um varejo de alta renda com boas condições de vida. Esse fenômeno inexistia antes do pós-guerra e da criação da pílula anticoncepcional propiciadora do planejamento familiar com poucos filhos e daí o ingresso da mulher no mercado de trabalho, muitas com maior escolaridade diante dos homens, para aumentar a renda doméstica.

Uma questão-chave é: essa classe média não altera a luta de classes da Era industrial, tipo “nós contra eles”, em um reducionismo binário de operários contra capitalistas? Os serviços e o comércio urbano passaram a predominar em ocupação e fonte de renda e superaram aquele capitalismo industrial de outrora?

Essa formulação está afinada com uma leitura crítica e sistêmica da transição estrutural do capitalismo industrial para o capitalismo de serviços e consumo de massa, especialmente, depois da Segunda Guerra Mundial. A expansão do Ensino Superior é chave para a transformação social ainda em andamento.

A massificação dessa Educação Superior emergiu nos Estados Unidos, no pós-guerra, e no Brasil e na Europa, sobretudo após a revolta estudantil e a rebeldia em costumes, ocorrida na década de 1960. Desempenhou um papel central em produzir mão de obra qualificada para setores não industriais como serviços financeiros, educação, saúde, tecnologia, administração pública e privada.

Gerou expectativas de mobilidade social ascendente, inclusive em países periféricos mais urbanizados. Aumentou o consumo educado (livros, viagens, tecnologia, cultura) e consolidou um novo varejo urbano de alta renda (*shopping centers*, turismo, moradia de classe média, bens duráveis), configurando uma sociedade consumista.

Essa expansão foi acompanhada por uma nova morfologia social da classe média. Deixou de ser apenas intermediária entre capital e trabalho, mas se transformou como consumidora, endividada e educada, com traços políticos ambíguos.

A revolução demográfica e a participação feminina foram fundamentais no processo. O advento da pílula anticoncepcional, o planejamento familiar e a entrada massiva da mulher no mercado de trabalho aumentaram a renda doméstica disponível, ampliando o mercado consumidor urbano.

Transformaram o papel das mulheres de reprodutoras domésticas em agentes econômicas ativas. Reforçaram o ideal da família de classe média em ter poucos filhos e fazer mais investimentos em educação, saúde e lazer.

Isso criou uma base para uma nova classe média urbana com padrões de vida inéditos na história moderna. Foi especialmente visível nos chamados “Trinta gloriosos” no Norte global e nas ondas de modernização urbana na América Latina nas décadas de 1950–70.

A emergência dessa nova classe média não eliminou a luta de classes industrial, mas a transfigurou, deslocando-a da fábrica para a sociedade de consumo e serviços. Fragmentou a ideologia ao criar identidades de classe mais difusas entre profissionais liberais, técnicos, servidores públicos, pequenos empresários etc. Neutralizou politicamente parte do proletariado tradicional ao criar o mito da ascensão pelo mérito e status do consumo.

Contudo, a classe média de alta renda continua dependente da valorização da força de trabalho intelectual. Está subordinada às flutuações do mercado de crédito, do emprego e da especulação imobiliária. Concentrada nos grandes centros urbanos, não consegue se homogeneizar em todos os países com grandes territórios, mantendo desigualdades regionais profundas.

A predominância dos setores de serviços e comércio não elimina a lógica da acumulação de capital, apenas a desloca para novos mercados como financeiros, digitais, educacionais e culturais. Não extingue a exploração, mas a torna mais sutil e fragmentada, via precarização, uberização e endividamento.

Substitui a fábrica pela loja, o *call center*, a escola privada, o app, a tela... As formas de dominação passam a ser simbólicas, cognitivas, afetivas e algorítmicas.

2.

Emerge, em consequência, uma recomposição sistêmica da luta de classes, agora entre capital acionário plataformizado e força de trabalho imaterial/precarizada?

Essa nova classe média é ambígua porque é agente ativa no consumo e reprodutora ideológica do sistema, mas vulnerável economicamente devido à oneomania. Também conhecida como compulsão por compras, é um transtorno compulsivo caracterizado por um impulso incontrolável de comprar, mesmo quando não há necessidade ou quando a compra causa problemas financeiros pelo endividamento. Este transtorno estimado em cerca de 3% da população mundial, geralmente, está associado ao desejo de preencher um vazio emocional.

Talvez também o impulsione o tensionamento entre a promessa meritocrática e a realidade da estagnação da mobilidade social. Está situado no contexto de transição da luta de classes industrial para a reconfiguração contemporânea centrada em serviços, consumo e endividamento.

Recentemente, surgiu a dúvida se é possível a massificação do empreendedorismo com trabalhadores por meio de iniciativas particulares se tornando empreendedores bem-sucedidos diante a exploração anterior do trabalho assalariado. Seria os casos, por exemplo, da uberização do trabalho ou locação da própria moradia como Airbnb.

Este é o cerne de uma das maiores ilusões ideológicas da Era digital neoliberal: a ideia de a massificação do empreendedorismo individual, via plataformas como Uber ou Airbnb, representar emancipação econômica frente à exploração do trabalho assalariado tradicional. A realidade sistêmica, porém, é mais complexa e contraditória.

A narrativa dominante sugere o mito do empreendedorismo massificado no qual todo trabalhador pode “virar patrão de si

mesmo". A precariedade do emprego seria compensada por liberdade, autonomia e ganho potencial porque plataformas digitais permitem renda extra, flexibilidade e escalabilidade de negócios pessoais.

Contudo, essa ideologia desmaterializa relações de exploração e as reconfigura sob a forma de "oportunidade individual". O que era emprego com direitos vira "parceria" - e o risco é transferido do capital para o indivíduo.

3.

A chamada "uberização" é uma nova forma de subordinação porque o trabalhador uberizado arca com os custos do capital fixo (carro, combustível, manutenção). É gerido por algoritmos, avaliado em tempo real, punido sem mediação humana. Não tem vínculo formal, nem previdência, nem jornada definida. É substituível e fragmentado, sem força coletiva de barganha. Desse modo, ele continua subordinado, mas agora ao capital-plataforma, de forma invisível e desterritorializada.

Quanto ao Airbnb, a dúvida é se é uma renda passiva ou a financeirização da moradia? Locar imóveis via Airbnb pode parecer emancipador pela geração de renda própria e aproveitamento de ativos ociosos.

Mas no plano sistêmico contribui à financeirização da habitação, retirando imóveis do uso residencial estável e inflando aluguéis. Favorece quem já possui capital imobiliário. Estimula a propriedade múltipla para renda passiva - a receita gerada sem seu trabalho estar ativamente envolvido na sua geração -, aprofundando desigualdades patrimoniais.

Não é uma via massiva de ascensão. É sim um instrumento de reprodução da desigualdade estrutural sob aparência de "empreendedorismo popular".

As barreiras à massificação do empreendedorismo autêntico têm fatores estruturais, mas enfrenta obstáculos. A concentração de capital leva ao acesso desigual a crédito, tecnologia e redes. A baixa mobilidade social conduz ao empreendedorismo de necessidade, não de vocação. O domínio de plataformas monopolistas resulta em uma intermediação assimétrica, onde se captura o valor do trabalho.

Na regulação fiscal e urbana, percebe-se a falta de políticas públicas de apoio ao microempreendedor real, portanto, é uma cultura do risco com individualização da falha e ausência de seguridade social.

A massificação do empreendedorismo individual via plataformas não constitui superação da exploração assalariada por emancipação, mas sim reciclagem da exploração. É uma reorganização pós-fordista da precariedade e uma nova forma de disciplinamento neoliberal pela via do sonho de ascensão individual.

Esse modelo acumula capital e dados no topo, enquanto transfere risco para a base. Para haver uma verdadeira emancipação, seria preciso democratização do acesso a meios de produção e plataformas, cooperação econômica autogestionária, e não intermediação extrativa. É necessária a reconstrução de uma proteção social pós-salarial para esses novos modos de vida e trabalho.

***Fernando Nogueira da Costa** é professor titular do Instituto de Economia da Unicamp. Autor, entre outros livros, de *Brasil dos bancos (EDUSP)*. [<https://amzn.to/4dvKtBb>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA